

# O “R caipira” no sul do Pará: uma marca sociolinguística da (de)colonialidade

*Manoella Gonçalves Bazzo (UFMS)\**

<https://orcid.org/0000-0002-5746-5306>

*Tânia Ferreira Rezende (UFG)\*\**

<https://orcid.org/0000-0003-3954-2758>

## Resumo:

Este artigo aborda a relação língua e sociedade, numa perspectiva decolonial, sobre a realização da variante retroflexa [ɺ] no município de Redenção, sul do Pará. Baseada na Sociolinguística Laboviana (LABOV, 2008), desenvolvemos uma pesquisa de campo, valorizando o caráter qualitativo, envolvendo aspectos históricos, culturais, sociais e linguísticos em torno da história da região sul paraense e os sujeitos redencenses. A partir da pesquisa, destacamos que a variante [ɺ] torna-se uma estratégia de manutenção da colonialidade quando associada à realidade rural, especialmente, vinculada ao agronegócio; ao mesmo tempo, ela se torna espaço de luta política e de enfrentamento, relacionado a contextos internos do estado do Pará e envolvendo a variante alveopalatal [ʃ].

**Palavras-chave:** Sociolinguística; Decolonialidade; Variante retroflexa; Paraense.

## Abstract:

### The “R caipira” in Southern of Pará: a sociolinguistic mark of (de)coloniality

This article addresses the relationship between language and society, in a decolonial perspective, on the realization of the retroflex variant [ɺ] in the municipality of Redenção, southern Pará. Based on Labovian Sociolinguistics (LABOV, 2008), we developed a field research, valuing the character qualitative, involving historical, cultural, social and linguistic aspects around the history of the southern region of Pará and the Redemption subjects. From this research, we highlight that the variant [ɺ] becomes a strategy for maintaining coloniality when associated with the rural reality, especially linked to agribusiness; at the same time, it becomes a space for political struggle

---

\* Doutoranda em Estudos de Linguagens: Linguística e Semiótica, na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: [manugbazzo@gmail.com](mailto:manugbazzo@gmail.com).

\*\* Professora Associada na Universidade Federal de Goiás (UFG). Doutora em Estudos Linguísticos, pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). E-mail: [taniaferreirarezende@gmail.com](mailto:taniaferreirarezende@gmail.com).

and confrontation, related to internal contexts in the state of Pará and involving the alveopalatal variant [ʃ].

**Key words:** Sociolinguistics; Decoloniality; Retroflex variant; Paraense.

## Introdução

A proposta desse artigo é apresentar os resultados de uma pesquisa sociolinguística, desenvolvida no interior do estado do Pará, especificamente no município de Redenção, envolvendo a realização da variante retroflexa ([.ɹ]) com aspectos históricos, culturais, geográficos e sociológicos da região sul do Pará e sua população.

Essa variante predomina em pesquisas dos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso, construindo uma rota sociolinguística de sua realização pelo centro-sul do Brasil, baseada na rota dos bandeirantes (CARREÃO, 2017). Isso porque, os bandeirantes, carregando em seus corpos mestiços a mistura étnica, resultado da violenta miscigenação ocorrida entre homens brancos e portugueses e mulheres indígenas e ameríndias (CARREÃO, 2017), bem como a mistura linguística, também resultado dos encontros conflituosos entre brancos, indígenas e africanos, tornaram-se os grandes representantes e disseminadores do *dialeto dos bandeirantes*, traço da cultura caipira, pelo interior do Brasil (AMARAL, 1920; REZENDE, 2005).

Com isso, apesar de pouca abrangência sobre a região norte do Brasil, a rota bandeirante torna-se a rota de expansão do dialeto caipira em diferentes lugares brasileiros. Contudo, para o contexto da Amazônia, esse processo é ressignificado sobre a proposta dos *bandeirantes modernos* (SILVA, 2008) ou *novos bandeirantes*. Tal ressignificação perpassa o contexto histórico de colonização do espaço amazônico, especificamente a região sul do Pará, também conhecida como Araguaia Paraense.

Até meados da última década do século XIX, a região do Araguaia Paraense era, por um lado, predominantemente indígena, e, por outro, favorecia o campesinato pastoril (SILVA, 2007). Contudo, a partir de 1960, devido ao processo de integração da Amazônia com o restante do Brasil e ao desenvolvimento da indústria automobilística, que incentivou a ampliação do setor rodoviário brasileiro, esse espaço foi drasticamente transformado, favorecendo oligarquias rurais paulistas, bem como o grande capital nacional e internacional (ALMEIDA, 2006; SILVA, 2007; 2008). É nesse período que os *novos bandeirantes* se firmam no sul e sudeste paraense, especificamente na região Araguaia, agora ressignificados no corpo do homem, branco, produtor rural, e sociolinguisticamente marcados pela realização da variante retroflexa ([.ɹ]), tendo em vista a origem de seus corpos dentro do espaço brasileiro.

A partir disso, entende-se que a forma como o processo colonizador presente no sul e sudeste do Pará foi conduzido é muito semelhante ao que aconteceu em toda a América Latina: exploração dos recursos naturais e humanos baseada na dominação política, social e epistêmica, favorecendo o mercado capitalista externo.

Com o passar dos anos, a forma colonial de exploração se extingue (em partes), mas sua estrutura, base de dominação, permanece dominando corpos e epistemes. Esta estrutura é compreendida como colonialidade do poder (QUIJANO, 2005; 1992) e encontra-se sustentada em duas ideias principais – a classificação racial de corpos

e o controle do trabalho e do mercado mundial. Como aponta Quijano (1992, p. 440), “a colonialidade [...] é ainda o modo mais geral de dominação no mundo atual”, especialmente porque se desmembra em outras dimensões com a dominação e o controle das intersubjetividades e culturas dos povos dominados, o que é conhecido como “colonialidade do saber” e a inferiorização, subalternização e desumanização de povos e corpos – “colonialidade do ser” (WALSH, 2012).

Conforme Silva (2010), a maior parte das histórias de origem dos municípios do sudeste do Pará traz como mito fundador os processos de migração ocorridos na década de 70. Com isso, algumas das identidades construídas são a do migrante, notadamente os do centro-sul do país, denominados como *pioneiros, desbravadores, paulistas*<sup>1</sup> e, no caso específico, *novos bandeirantes*; e, do outro lado, os *indígenas, os caboclos, os ciganos*, e, em alguns casos, os *ribeirinhos, o nordestino, o maranhense*. Aos primeiros, ligam-se aspectos como *desenvolvidos, corajosos, civilizados*, enquanto que os do segundo grupo são conhecidos como *selvagens, inimigos e preguiçosos*, definidos pela lógica da colonialidade do ser (WALSH, 2012).

Com o decorrer dos processos de ocupação, a prática de discriminação identitária classificou os migrantes que foram chegando e se instalando na região do Araguaia Paraense. Conforme Silva (2006, p. 22), “as qualidades do caboclo e do nordestino são aquelas necessárias para se enfrentar o trabalho braçal em condições extremamente

adversas. Já a contribuição do sulista diz respeito à técnica e à experiência”. A marca do corpo é racializada a partir de uma geopolítica que favorece o migrante do Centro-Sul (migrante rico) em relação ao migrante do Nordeste (migrante pobre).

Diante dessa lógica, Quijano (2005, p. 118) explica que “as novas identidades históricas produzidas sobre a ideia de raça foram associadas à natureza dos papéis e lugares na nova estrutura global de controle do trabalho”. Com isso, no sul e sudeste paraense, a discriminação construída para o corpo nordestino (particularmente o maranhense) justifica a exploração de sua mão de obra e determina seu lugar dentro do espaço como o *dominado, o incapaz, o subalterno*, bem como justifica o corpo branco do Centro-Sul como o *dominante* e mantém seu lugar de *pioneiro, desbravador, patrão, fazendeiro, produtor rural*.

Essa lógica foi sustentada pelo próprio governo por meio de uma geopolítica que, por um lado, incentivou a vinda de grandes projetos de colonização e de incorporação de terras, com investimentos provenientes do centro-sul do país e também do exterior; e por outro, favoreceu a migração nordestina com vistas a garantir mão de obra para esses grandes empreendimentos e minimizar os conflitos da seca no nordeste brasileiro (SOUZA, 2002).

Dessa forma, além de espaço de conflitos agrários, o sul do Pará é marcado pelos conflitos em torno da construção e eliminação de *identidades alocadas* (MIGNOLO, 2008), fundamentadas no processo de modernidade/colonialidade presente na região e no jogo enunciativo de vozes silenciadas.

Procurando aprofundar essa questão, essa pesquisa se desenvolveu para além do caráter linguístico, pois todo o contexto histórico, social e cultural da região foi impor-

1 Silva (2010) explica que, no período de 1970, no território amazônico, a maior parte dos migrantes do sul e sudeste do Brasil são assim denominados, sendo conhecidos como “[...] aquele que vem de fora, com muito dinheiro no bolso, comprador de terras” (MARTINS, 1980, p. 06-07 *apud* SILVA, 2010, p. 44).

tante para compreender a relação língua, sociedade e cultura envolvendo a presença da variante [ɫ] no sul do Pará. A decolonialidade foi a perspectiva adotada para a interpretação da materialidade empírica, promovendo novos olhares sobre a realidade histórica, social, cultural e linguística do município de Redenção.

## A Sociolinguística como área de pesquisa

O surgimento da Sociolinguística traz para o campo de debate a variação e a mudança linguística presente na comunidade e comum nas línguas naturais humanas. Divergindo de algumas propostas que tratavam a variação na estrutura linguística ou como *alternância de código* ou como *variação livre*, Labov (2008) reconhece a existência da variação como a ruptura ao paradigma da homogeneidade linguística. Como ele aponta: “tão logo eliminarmos a suposta associação entre estrutura e homogeneidade, estaremos livres para desenvolver os instrumentos formais necessários para lidar com a variação inerente dentro da comunidade de fala” (LABOV, 2008, p. 238).

Nesse aspecto, a variação está ligada às estruturas heterogêneas presentes em qualquer língua e em qualquer comunidade, e os diferentes modos de falar caracterizam uma comunidade (ALKMIN, 2007). Essas diferenças podem ser influenciadas por aspectos linguísticos ou extralinguísticos. Dessa forma, há questões de ordem fonológica, sintática, morfológica que justificam a variação existente; por outro lado, os aspectos extralinguísticos podem relacionar-se ao contexto interfalante/social (idade, sexo/gênero, escolaridade) ou intrafalante/estilística (atenção).

A relação com a linguagem é entendida como uma forma de ser e estar no mundo

(REZENDE, SILVA, 2018). As práticas sociolinguísticas das pessoas incorporam realidades múltiplas, envolvendo o lugar, o corpo, o espaço, a cultura, a política, entre outros aspectos, compartilhados e não compartilhados pelas pessoas em determinados contextos e encontros sociais. Assim, “as práticas sociolinguísticas identificadoras dos seres passam a ser parâmetros de avaliação desses seres e credenciais de valoração de suas práticas sociais em geral” (REZENDE, SILVA, 2018, p.176).

Por conta disso, algumas variáveis ou variantes linguísticas são comumente associadas a determinadas comunidades sociolinguísticas, a elas sendo estabelecidos critérios de avaliação social, agregando valores aos seus diferentes usos e realizações. Esse tem sido o caso da variável <R>. Em estudo desenvolvido em Nova York, Labov (2008) destaca a pronúncia dessa variável como um padrão de prestígio no falar nova-iorquino. Já Amaral (1920) aponta o uso da variante retroflexa dessa variável <R>, no contexto brasileiro, como um caso de estereótipo linguístico, ao associá-la aos “roceiros ignorantes da antiga província de São Paulo”, ao dialeto caipira.

Nota-se, portanto, que a variação sociolinguística torna-se espaço de disputas e debates que vão além do campo linguístico, envolvendo relações de poder que atravessam as estruturas sociais na comunidade, apontando as estruturas sociolinguísticas presentes. Com base nisso, Labov (2008) define uma variável sociolinguística em três níveis de consciência sociolinguística dentro da comunidade:

- a) indicador ou traço linguístico – apresenta distribuição regular na estrutura sociolinguística; “[...] [é usado] por cada indivíduo mais ou menos do mesmo modo em qualquer contexto”

(LABOV, 2008, p. 275). Como exemplo, temos o padrão de realização da variante tepe alveolar [r] nas posições intervocálica e seguindo consoante na mesma sílaba, no português: *arame* [a'ráme], *cravo* ['kravu];

- b) marcador – apresenta algum tipo de hierarquia dentro da estrutura, com distribuição social e estilística. Um bom exemplo é o emprego dos pronomes *nós* e *a gente* no português brasileiro;
- c) estereótipo – “um pequeno número de marcadores sociolinguísticos ascendem à consciência social explícita e se tornam *estereótipos*” (LABOV, 2008, p. 287, grifo do autor). Portanto, há um alto nível de avaliação social sobre a realização de certo fenômeno linguístico, como é a realização retroflexa da variável <R> em algumas comunidades dentro do Brasil.

Esses níveis de consciência têm fundamentado diversas pesquisas dentro do universo sociolinguístico da realidade brasileira, além de embasar discussões em torno de situações de preconceito e prestígio sociolinguístico, como se verifica nos trabalhos de Leite (2004) e Roncarati (2008).

Há diversas situações que agregam prestígio a certa variante sociolinguística dentro da sociedade, a principal delas é a gramática normativa, favorecida pelo ensino escolar e pela academia. Apesar disso, algumas variantes, mesmo estigmatizadas, conseguem se manter dentro da estrutura sociolinguística, sendo favorecidas por uma avaliação social mais velada, denominada como prestígio encoberto (LABOV, 2008, p. 288). Esse tem sido o caso da variante retroflexa [ɹ] no contexto brasileiro. Apesar de Amaral (1920) prever o seu desaparecimento e extinção, essa variante encontra-se cada vez

mais forte e presente em diferentes comunidades pelo Brasil, conforme verificado em estudos como Aguilera e Silva (2011), Castro (2013), Leite (2004), Oushiro e Mendes (2011), Rezende (2005), Silva (2016).

## Aspectos metodológicos

O presente trabalho traz uma pesquisa de campo de caráter qualitativo, embasada na proposta da Teoria da Variação e Mudança Linguística desenvolvida por Labov (2008). Com isso, escolhemos um fenômeno linguístico para estudo – a variante [ɹ]; delimitamos o campo de pesquisa – o núcleo urbano do município de Redenção, sul do Pará; além de definirmos grupos de fatores para a análise – gênero (masculino/feminino), faixa etária (Faixa I - Faixa I – 18 a 26 anos / Faixa II – 27 a 36 anos) e escolaridade (Ensino Fundamental/ Ensino Médio/ Ensino Superior) dos(as) coparticipantes.

Para alcançar a materialidade empírica do trabalho, optou-se por realizar entrevistas focalizadas e parcialmente estruturadas com 12 (doze) redencenses natos e que tenham vivido grande parte da sua vida no município. As entrevistas ocorreram em dois momentos distintos, sendo: a) primeiro encontro (outubro/2018 a abril/2019) – momento em que o material gravado gerou a materialidade empírica da pesquisa, a qual foi transcrita e serviu de base para a interpretação desenvolvida; b) segundo encontro (agosto/2019 a outubro/2019) – permitiu a apresentação da materialidade gerada aos(as) coparticipantes, buscando receber as opiniões e análises particulares de cada um(a) sobre a pesquisa, com vistas a construir uma interpretação compartilhada sobre o estudo em geral.

A escolha dos(as) coparticipantes pauteou-se na definição das células sociais acima, e a seleção envolveu diferentes contextos

sendo: 1) contatos da rede social *Facebook* da pesquisadora; 2) contatos da rede familiar da pesquisadora; 3) contatos a partir de indicações, seja pelos(as) próprios(as) coparticipantes, seja a partir da indicação de pessoas que não participaram da pesquisa.

Ressalta-se que nem todos(as) os(as) coparticipantes aceitaram participar do 2º momento de entrevista, o qual foi realizado com oito dos(as) doze coparticipantes iniciais.

### Interpretação compartilhada da materialidade empírica

Ao final do primeiro momento de entrevistas, feita a transcrição da materialidade empírica gerada, constatamos a realização da variante [ɹ] por três coparticipantes. Apesar disso, sua realização não é categórica, visto que a variante fricativa glotal ([h]) foi a realizada por todos(as) os(as) coparticipantes, entendida, portanto, como a variante menos marcada na realização da variável <R>, especialmente no contexto pós-vocálico de sílaba interna.

Ressaltando o caráter qualitativo de compreensão do fenômeno em questão, algumas temáticas, como colonialidade, língua, cultura e sociedade no contexto redencense são destacadas num processo de *tessitura* da materialidade empírica a partir dos apontamentos, percepções e discussões surgidos durante os encontros ocorridos.

Uma dessas discussões envolve a diversidade cultural e linguística que constitui Redenção, relacionada ao contexto histórico, com destaque especial ao *processo migratório*, como se observa nas falas seguintes<sup>2</sup>:

2 As falas do primeiro momento, que constituíram a materialidade empírica do trabalho, seguiram o modo de transcrição fonográfica, ou seja, transcrição da fala, aproximando, na medida do possível, da oralidade, conforme orientações das Normas para Coleta e Transcrição de Dados do

(1) 245 P1 – [...] porque aqui nessa região no sul do Pará aqui tem muito  
246 imigrante de fora né ... muito paraense {muito/}

**E – {Ahh} os nossos pais são exemplo né**

247 P1 – Gaúcho né eles vem de fora pra cá p'a tu achá um ... um daqui mermo é só essa

248 molecada que 'tá nascendo por agora

(REMCS<sup>3</sup>, 30 anos, feminino)

(2) 191 P1 – [...] Redenção aqui é muito misturado tem goiano tem minêro  
192 tem paraense tem maraense é tudo misturado ... nũ é aqueles/ 'gora dee eu acho que de...

193 de marabá pra lá ... já é mais ... os paraense' mermo ... 'gora 'qui é tudo misturado aqui

194 quarre nũ tem paraense pra falá a verdade

(REJPSS, 32 anos, feminino)

(3) 286 P4 – Sim ... que nem ... que nem aqui pra nós a gente tem uma cultura muito ... minêra

287 goiãna ... nortista/ não nordestina e ... e a gaúcha né agora lá pra cima rá de marabá pra...

288 p'a belém ... já a cultura mermo do paraense ... da gema ((ele tosse)) da gema ... come

289 pêxe come açaí na tigela ... chia né ... então

(RERMS, 30 anos, masculino)

---

Obiah - Grupo de Estudos Interculturais Decoloniais da Linguagem, da UFG. As linhas dos enunciados da pesquisadora são iniciadas pela letra E (entrevistadora) e as linhas do(a) coparticipante, pela letra P (participante). E, os enunciados da pesquisadora se encontram em negrito e os do (a) coparticipante sem destaque gráfico.

3 Cada coparticipante foi identificado(a) por uma sigla iniciada por RE (Redenção), seguida das iniciais dos nomes de cada um(a). Além disso, o estudo respeitou as orientações do Comitê de Ética, com aplicação de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para todos(as) os(as) coparticipantes.

- (4) 257 P9 – Culturaa aqui no sul doo sul do pará é mu/ é um pôquĩ de cada estado po’que tem  
 258 muita gente de fora ... tem muita gente do Maranhão tem muita gente nordestina aqui  
 259 tem muita gente dee... do Goiás tem minêro ...’tendeu? nũ é uma cultura tão forte como é  
 60 láá no norte do Pará que é em Belém toda’ aquelas cidades próximas ali que são cidades  
 261 bem mais velhas né belém tem seus quatrocentos e tantos anos.

(REMVVN, 25 anos, masculino)

- (5) 130 P11 – Ah cultura de Redenção aqui aqui em Redenção praticamente a gente tem aqui  
 131 maranhense tem minêro tem goiano acho quee virô essa mistura aqui acho que nũ tem  
 132 nada havê com pará mesmo né?

(RENDCEB, 28 anos, masculino)

Nesse grupo, nota-se que as falas e os discursos são semelhantes na constatação da diversidade cultural existente no município e na aparente divergência sobre as representações e significações do que seja a cultura paraense e a região sul do Pará. É o “sentimento deslocado”, discutido por Loureiro (2002), como se esse espaço não pertencesse ao Pará.

Os excertos (1)-(5) permitem inferir uma percepção de diversidade cultural expressa pelo termo *mistura* e seu contraponto, a não diversidade, uma cultura sem mistura, *paraense da gema*. A noção do que seja cultura inter-relaciona linguagem, lugar e alimentação, como se pode perceber, de forma mais nítida, no excerto (3). A constituição do lugar, Redenção, é percebida a partir da migração, a *mistura*. A migração, com a mistura, desmonta a *gema*, que está mais ao Norte, em Belém, e refaz o lugar, com a di-

versidade que o caracteriza agora, com sua linguagem e sua cultura (pessoas/corpos e comidas), deslocando-o do macro espaço, o Pará.

Assim, o *paraense da gema* ou o *paraensezão*, que é o *verdadeiro paraense* é aquele de Belém ou do norte do estado, que, na percepção dos(as) coparticipantes desta pesquisa, tem a língua como uma das principais características de diferenciação, como se observa nos excertos (6) e (7):

- (6) 20 P4 – [...] só p’o ‘cê té ideia a gente nũ conversa igual os paraense’ a gente tem 21 ôto linguajá ôta cultura... p’a gente conversá né aqui a/ ... tem muitas pessoas que falo que  
 22 a gente/ conversa parecido com goiano qu’ é ... mistura demais de/

(RERMS, 30 anos, masculino)

- (7) 441 P9 – Eeu sei ... assim ... eu vejo que o pessoal lá do/ eu vejo ... quee ... que o paraense  
 442 que a gente paraense ... maioria p’incipalmente ... eessa aqui/ que é da gema mesmo eles  
 443 ... eles são mais eles são mais a/ abertos ... eles xi/ xi/ xingam maais ... ‘tendeu? eles eles  
 444 são meio que ((ele gagueja)) eles são bem disarado’ entendeu? eles são assim ... (nũ)  
 445 tem vergonha{eles/}

(REMVVN, 25 anos, masculino)

A identidade do *verdadeiro paraense* não está relacionada ao contexto desse lugar, cuja presença de migrantes de diferentes regiões do país é destacada para apresentar a formação da população, da mistura existente.

Com isso, a ocorrência da variante alveopalatal ([ʃ]) para a realização da variável <S> é apontada como uma marca linguística da diferença. Os(as) coparticipantes desta-

cam dois tipos de paraense: os que *chiam* e os que *não chiam*, sendo que os primeiros são considerados os típicos paraenses: os *verdadeiros, os da gema, o paraensezão*.

Estudos de base sociolinguística, como os de Van Samson e Bentes (2017) e Carvalho (2000), constataam a ocorrência da variante [ʃ] na fala de pessoas da capital, Belém. Na fala dos(as) coparticipantes redencenses, essa ocorrência é verificada e percebida no cotidiano. O uso da variável <S> (chiar ~ não chiar) como marca sociolinguística da diferença destaca a confusão na construção de referência quanto ao ser ou não ser paraense.

Outro tema destacado nas conversas envolveu a perspectiva dos(as) coparticipantes sobre trabalho e desenvolvimento no município. Apresento os excertos dos coparticipantes REAPS, RERMS e REMNDS:

(8) **E – É eu já tã perguntado/ mais assim com relação aqui a a cultura aqui de redenção o que que você acha?**

121 P10 – Éé ... é boa algumas parte' também né? ... que a maioria do povo daqui tamém nũ

122 qué trabalhá pode se dizê aí fala quee que aqui é ruim

**E – {É?}**

123 P10 – {Mais} fora a parte né não

**E – Não?**

124 P10 – Quee o povo de fora vem vem montá empresas aqui e sobe na vida ... agora se a

125 maioria doo do povo daqui sobesse trabalhá também né? nũ dizia nada não ma' nũ sabe

**E – É nũ sabe não?**

126 P10 – Não

**E – Por que que 'cê fala que nũ sabe?**

127 P10 – Porquee nũ sabe a maioria te/ tem preguiça

(REAPS, 20 anos, masculino)

(9) 162 P4 – Aqui em Redenção então assim é... é uma cidade que tem muito a crescê

né ... muita

163 a ... assim desenvolvê ainda

**E – Ūrrũ**

164 P4 – Éé igual eu falei pra mĩa esposa que nem ... a gente vai pra cima aí ééé a gente tem

165 que tê visão ... de crescimento pra cá po'que ... muitas pessoas que tá ... tipo em capital

166 que nem Goiânia ... vem p'uma cidade pequena p'a ganhá dinhêro e e ganha po'que tem

167 ôtas visões né que nem aqui 'a cidade que ... o pessoal aqui é exigente Redenção é um

168 pessoal exigente que nem ... muitas culturas muitas ... pessoal do sul do país pessoal

169 muito enjoado muito ... então assim é um pessoal que que qué coi/ vestí coisa boa vestí

170 rôpa boa qué andá de carro bom ... então eles nũ querem ... nũ querem coisas ruins né

**E - Ūrrũ**

171 P4 – Eu eu acho que aqui é um/ uma cidade que tem muito a desenvolvê 'inda

(RERMS, 30 anos, masculino)

(10) 65 P3 – E questão de de de/... oportunidade tem muita oportunidade em Redenção a rente não

66 vê mais um ...

67 Uma coisa que me chamou muita atenção no dia qu'eu vi ... eu vi um sinhôzĩ com

68 uma caxinha vendendo salgado da renascer ... ele comprava a cinquenta centavos e vendia

69 a um e cinquenta

**E – Ah aqueles doo/**

70 P3 – É da Renascer ali na caxĩa comprava/ foi lá pe/comprô DEiz salgado' ... e foi vendê

71 na rua ... e e e ele tá (emprendeno) ele tá sobreviveno

**E – Ārrã**

72 P3 – 'Cê vê ele pega um um capital aí de ci/ ele comprô deiz ele gastô cinco reais e vai

73 ganhá quinze

**E - Ūrrũ**

74 P3 - Né

**E - É ... aí ele sai vendeno/**

75 P3 - Vendeno na rua andano então quem qué trabalhar ... dá um jeito

**E - É**

76 P3 - Né ... i dia p'a traiz eu ta' observano na frente do Banco do Brasil nũ tem ninguém

77 vendeno água na frente daqueles banco o cara passa uma hora e meia dent' o daquele banco

78 o cara sai {morrendo de sede} ele nũ espera chegá em casa ...

**E - {Morrendo de sede} ... verdade**

79 P3 - 'Cê ele tem dois reais ele compra a água ali

**E - Ūrrũ**

80 P3 - Tem a/ então assim falta essas essa/ tem pessoas que nũ tem essa visão aqui em em

81 em em Redenção ainda sabe (ainda 'cê vê) ... a agora o que eu tipo tenho se/ apareceu o

82 semáfaro né

**E - É**

83 P3 - Aí p'a pedí tem rente pedino ... é essas coisa' é né

**E - Malabarista**

84 P3 - É essas coisa' entendeu nũ nũ é que vo/ nũ é contra isso

**E - Ārrã**

85 P3 - Mais o povo nũ olha {pra esse/}

**E - ((eu digo algo que não consigo compreender)) Que tem outros lugar' que tem oportuni{dade/}**

86 P - Da de de ganhá dinhêro mai' ninguém ninguém ninguém vai

(REMLDS, 27 anos, masculino)

O que chama a atenção nessas falas é a congruência para um discurso pejorativo com relação ao povo paraense: *povo preguiçoso*. Na fala do coparticipante mais jovem - REAPS - esse discurso é explicitamente empregado, sendo expresso em eufemismos nas falas seguintes. Essa constatação justifica-se pela prosperidade alcançada pelas pessoas que “vem de fora”, que sabem

“ganhar dinheiro” nesse espaço - “vem montá empresas aqui e sobe na vida”, “tem outras visões”. A colonialidade do poder é a base fundante para a construção e reprodução desse tipo de discurso pelos sujeitos redencenses, os quais não usam a variante retroflexa e são descendentes de famílias nordestinas.

A imagem das pessoas de origem nordestina, especialmente, maranhense, está associada ao serviço braçal, e a imagem das pessoas de origem sulista associa-se ao fazendeiro e ao patrão (SILVA, 2010). Ou seja, os corpos trazem codificações que constroem representações e valores sociais atrelados às historicidades dos grupos, sejam os grupos subalternizados ou os subalternizadores, situados no processo histórico de Redenção. Os corpos e as vozes dos coparticipantes REAPS e RERMS são representativos de sujeitos não hegemônicos, de grupos subalternizados, entretanto, seus discursos reproduzem os discursos de quem narra a história oficial e de como é retratada a realidade do município.

A fala do coparticipante REMLDS ressalta a prosperidade que o município apresenta, mas faltam pessoas dispostas a trabalhar. Sendo produtor rural, muito da conversa trouxe a temática de sua vivência nesse âmbito. Ao destacar Redenção como “terra de oportunidade”, observamos que ele reproduz o discurso que ecoa desde o passado colonizado desse espaço. Muitos migrantes vieram para essa região buscando novas oportunidades, melhoria de vida, acreditando no discurso colonizador de enriquecimento e abundância produzido pelo governo.

Na Figura 2, para ilustrar essa perspectiva de prosperidade e oportunidade que ainda ecoa no município e na região, destacamos uma propaganda do governo do período da colonização da Amazônia.

**Figura 2** - Propaganda do governo incentivando a ocupação da Amazônia no final de 1970.



Fonte: <http://cesppmgeografia.blogspot.com/2013/05/chega-de-lenda-vamos-faturar.html>

Observa-se que a imagem *vende* o discurso da abundância e da riqueza para aqueles que estão dispostos a investir no espaço amazônico. Contudo, essa promessa não esteve disponível para todos, como se verificou na história da região. Uma grande parte dos migrantes não conseguiu prosperar, estando à mercê da marginalização e da pobreza, em grande parte devido à falta de incentivos governamentais, que buscou favorecer os grandes projetos agropecuários e o capital estrangeiro (VAZ, 2013).

As relações de trabalho presentes nesse espaço são perpassadas por situações análogas à escravidão e também de especula-

ções, arranjos e incertezas. Desvincular o contexto de prosperidade ou de preguiça significa reconhecer situações e lugares de privilégios ou de subalternidades no contexto amazônico. Essa situação ainda é delicada num contexto de exploração recente e presente para a realidade sul paraense.

Após a apresentação da materialidade empírica da pesquisa aos(às) coparticipantes, constatamos o reconhecimento da variante ([L]) dentro do município de Redenção. O fenômeno inclusive recebeu algumas nomeações como *erre puxado*, *falar arrastado*, *puxadinho do erre* e *erre goiano*. Apesar disso, a maior parte dos(as) coparticipantes

avaliou que a variante retroflexa não é uma variante *normal* do lugar. Ela está associada a pessoas que vieram de fora e chegaram à região, vinculadas ao processo de migração, característico desse espaço. Os(as) próprios(as) coparticipantes reconhecem que o fator que justifica a existência da variante retroflexa em Redenção-PA são as trocas linguísticas ocasionadas pela presença de migrantes dos estados de Goiás, Mato Grosso e Minas Gerais e seus descendentes.

Além disso, os(as) coparticipantes reforçaram a narrativa do *paraense da gema*, quando apontaram diferenças sociolinguísticas, vinculadas à distância do centro hegemônico cultural e linguístico, mais presente ao norte do Estado. A realidade linguística do município de Redenção distancia-se da *cultura paraense*, caracterizada linguisticamente pela fricativa alveopalatal desvozeada ([ʃ]) e pelo uso de gírias como *égua*, *mana*, reforçando diferenças não apenas no campo linguístico, mas também cultural, como apontado nas falas a seguir:

(11) Marabá pra lá [Belém] já começa né a falar aquelas/as língua' dele. Aqui quase não tem paraense paraense, paraense legítimo mesmo aqui quase não tem não ... são poucos.

(REJPSS, 32 anos, feminino)

(12) Na verdade, Redenção não tem um linguajar ... certo. O paraense tem, que é chiano, né, só que nós num chia pra cá ... então assim ... é bem complicado pra nossa região

(REMLDS, 27 anos, masculino)

(13) Tudo quanto fala “Pará” o povo já pensa assim, do chiado, né. Sendo que pra li, na região Sul [do Pará]... já não tem muito, assim, o chiado, igual tem pra Marabá, Belém ... a gente não vê, né, muito ... essa essa parte. Então ... mas, se falar em ... Pará, assim, o pessoal já fala, né, “Cadê o chiado?” não tem, né ... igual quando eu/ já pergun-

taram “Uai, tu não chia não?” ... pois é, e a gente não tem isso, entendeu?

(REBRMP, 19 anos, masculino)

Como se observa, o fator linguístico é uma marca de identificação. Apesar de haver uma exigência externa pela realização da variante [ʃ] sobre os(as) redencenses, o *chiado*, assim como a realização da variante retroflexa, não caracteriza um *linguajar* redencense.

Com isso, foram reconhecidas como as variantes não marcadas, a variante fricativa glotal ([h]) da <R>, conforme apontado pela fala da coparticipante RETCC: “O erre daqui [Redenção] é o erre arrastadinho normal”; e a variante fricativa alveolar ([s]) para a <S>, comumente presente no início de sílabas como sono [ˈsõnʊ] e saci [saˈsi].

Percebendo o teor da avaliação social associado às variantes, abordamos a respeito do preconceito linguístico envolvendo sua realização. Pela fala da maioria dos(as) coparticipantes, o indivíduo que realiza a variante [ʃ] é um alvo mais forte de “brincadeiras” do que o indivíduo que realiza a variante [ɹ]. Entre os argumentos apontados para explicar essa realidade, destaca-se o do coparticipante REBRMP, apresentado no excerto (14):

(14) Pra gente ali, a gente está mais próximo do Goiás, né, assim ... praticamente. Tanto é que é/ mais perto ir pra Goiás do que pra Belém, entendeu? Então, eu creio que/ ... a nossa cultura tem mais puxado, tanto é que antigamente, né, não sei, parece que ali pertinho era Goiás, agora que afastou um pouco, entendeu? Então, eu acho que a gente é mais ... tem mais a ver com Goiás do que pra lá, entendeu? [...] Até eu falo assim às vezes, o/a capital de Redenção é Goiânia. Até eu gosto de brincar, entendeu? Porque ... porque a maioria do povo vai pra Goiânia, entendeu? Então, tipo assim, a cultura ...

(REBRMP, 19 anos, masculino)

Nota-se que a relação de identificação com aspectos culturais e o fator da distância que dificulta o acesso à capital do estado e, conseqüentemente, o contato com aquela realidade, justificam atitudes de preconceito linguístico com relação às pessoas que realizam a variante [ʃ]. Para esse jovem redencense, a cultura de Redenção se aproxima mais da realidade de outros estados como Goiás. Esse fator foi também muito destacado durante a primeira entrevista com os(as) coparticipantes. Aspectos como culinária, dança e língua são diferentes e justificam realidades diferentes entre o norte e o sul do estado do Pará.

Para o coparticipante REMVVN, contudo, a variante [ʃ] é mais estigmatizada devido a um preconceito existente com relação à região norte do Brasil, como apresentado no excerto (15). O coparticipante traz em sua análise um macro contexto social e cultural de discriminação nacional, muito vivido por pessoas dessa região, e também da região Nordeste.

- (15) Eu acho que tem [preconceito] mas, eu eu digo assim, não em grande escala mais como era antigamente, porque preconceito é difícil tu dizer que va/ acabou, vai ter preconceito com língua ... com região/ às vezes, tu fala que é do/ tu vai no Sul e fala que é do Norte, já tem certo preconceito, mas no sotaque nem tanto. Eu acho que, hoje em dia, eu vejo mais preconceito de região: “Ah”, tipo, “você é do Pará. Lá o índice de criminalidade é muito alto”. Então, as pessoas já ficam meio assim, porque tem tem uma certa divulgação daqui, que aqui é horrível/ do No/ eu digo do Norte em geral.

(REMVVN, 25 anos, masculino)

Essas duas abordagens (excertos (14) e (15)) trazem à tona diferentes graus da relação *centro vs periferia* imbricados nas re-

lações de poder e alteridades presentes na região do Araguaia Paraense. Internamente, a região sul do Pará é periferia em comparação com a região Norte. Essa é considerada o centro do poder administrativo e político do Estado; conta com a capital Belém, que possui 402 anos de criação e emancipação; é marcada pelo desenvolvimento e reconhecida como espaço das principais representações culturais paraenses. Externamente, o Pará se torna parte da periferia brasileira, pois está situado na região norte do Brasil, que junto com a região Nordeste, é uma das regiões, em termos políticos e sociais, menos valorizadas no contexto nacional, especialmente em relação à região Sudeste – centro do poder econômico e político brasileiro. A título de exemplificação, aquelas duas regiões apresentam os menores Índices de Desenvolvimento Humano (IDH) do Brasil, onde o estado do Pará ocupa a 24ª posição entre os estados brasileiros, perdendo apenas para o Piauí (25ª), Maranhão (26ª) e Alagoas (27ª); enquanto que, ocupam a dianteira o Distrito Federal (1ª), São Paulo (2ª) e Santa Catarina (3ª) (IBGE, 2010).

Dessa forma, o envolvimento com os(as) coparticipantes da pesquisa apontou diferentes conflitos no campo da linguagem, como o embate de significações dos usos das variantes [ɹ] e [ʃ]. Como ressaltado na fala da maior parte dos(as) coparticipantes, apesar de Redenção pertencer ao Pará, sua realidade sociolinguística distancia-se da cultura do norte do estado, representada na fala pela predominância da variante fricativa alveopalatal desvozeada [ʃ] na realização da variável <S>. Isto é, a realização da variante [ʃ] distingue os sujeitos do norte dos sujeitos do sul do Pará, caracterizando aqueles(as) como *verdadeiros paraenses, paraenses legítimos, paraenses da gema*, e os(as) demais como os(as) *outros(as)* pa-

raenses. Se esses(as) *outros(as)* paraenses realizarem a variante [ɹ], além de serem os(as) *outros(as)*, são *os(as) outros(as) misturados(as)*.

Ainda, com relação à realização da variante [ɹ], apesar dela ressaltar a diferença, percebemos uma avaliação social que associa sua realização com aspectos da tradição agropecuarista no município, agregando prestígio social ao seu uso.

Essa associação vincula-se ao processo histórico da região, marcada pela colonização do espaço pelo corpo do homem migrante, especialmente, dos estados do centro-sul brasileiro. Esses são reconhecidos no município como os *pioneiros*, os *grandes desbravadores*, que colaboraram para o desenvolvimento da região sul-paraense.

No contexto deste trabalho, envolvendo as rachaduras decoloniais, esses são reconhecidos como *novos bandeirantes*, ou seja, uma continuidade tardia e renovada dos antigos bandeirantes que se estabeleceram nos estados de Goiás, São Paulo e Minas Gerais, principalmente.

Esses *novos bandeirantes*, bem como outros grupos migrantes, encontram-se interligados aos diferentes ciclos econômicos que ocorreram no sul do Pará, em diferentes níveis de atuação e presença, mas, marcadamente atuantes no campo econômico e cultural do agronegócio. No campo cultural e linguístico, esse encontro proporciona diferentes manifestações, de cujos processos a variante [ɹ] é uma marca simbólica, porém não sendo sua única fonte de expressão. Tal associação pode ser verificada na fala do coparticipante RENDCB: “Esse erre [retroflexo] é uma herança do pessoal que ficou aí pra gente aí, que os cofundadores aqui da cidade praticamente, eles eram mineiros”.

Dessa forma, a variante retroflexa apresenta estreita relação com o processo co-

lonizador no contexto amazônico, firmando-se como uma marca sociolinguística da diferença e da colonialidade.

## Algumas considerações

A partir de Quijano (1992), entendemos que, “finda a colonização, permanece a colonialidade”. No contexto sul-paraense essa é percebida, principalmente, nos diferentes níveis de relações presentes nesse espaço amazônico. Além da repercussão nacional dos constantes conflitos agrários e de posse de terra, envolvendo os diferentes grupos populacionais existentes (migrantes, indígenas, quilombolas, assentados, posseiros), Silva (2010) destaca que as alteridades entre esses sujeitos foram construídas valorizando o corpo do homem branco centro-sulista, em detrimento dos corpos mestiços do Nordeste, particularmente o maranhense, e dos corpos indígenas, quilombolas e ribeirinhos.

Isso contribuiu para justificar a criação de mitos relacionados à criação dos municípios nas regiões sul e sudeste paraense, bem como a constituição da figura dos *pioneiros*. Através de um processo advindo da estrutura colonial de poder (QUIJANO, 1992), entende-se esses mitos como uma dominação do imaginário dos sujeitos redencenses para com o aspecto histórico desse lugar. Os *pioneiros* são lembrados e homenageados como os grandes *desbravadores*, cujas ações foram importantes para o desenvolvimento dessa região. Aqui, eles são comparados à figura dos bandeirantes, pela proposta de ação colonial e exploratória dos recursos existentes na região.

Dessa forma, retomando a problematização exposta no início do trabalho, entendemos que a variante [ɹ], no sul do Pará, mais especificamente, em Redenção, torna-se ambivalente: continua sendo uma estraté-

gia de enfrentamento à colonialidade sociolinguística, bem como de manutenção da colonialidade.

O material empírico desta pesquisa demonstrou que as diferentes realizações da <R>, por meio, principalmente, da fricativa glotal ([h]) e do zero fonético ([ʁ]), em contexto final de sílaba, predominam na fala dos(as) coparticipantes do núcleo urbano do município de Redenção. Portanto, a concorrência entre a variante [ɹ] e a variante [h], em Redenção e em todo o sul do Pará, é a representação, na linguagem, das lutas sociais, culturais e econômicas na região; representa a dominação dos *de fora* sobre os *de dentro* e marca quem é e de onde é o *de fora* que está entrando e dominando o espaço.

Dessa forma, a variante [ɹ] torna-se uma estratégia de manutenção da colonialidade sociolinguística quando é associada à fala rural vinculada ao agronegócio e, nesse sentido, está correlacionada à fala do atual grupo de dominação da região, que desloca a identidade linguística local e impõe outra, a de fora.

Por outro lado, observamos que o enfrentamento à colonialidade se manifesta na oposição centro vs periferia, especialmente relacionada ao contexto de desenvolvimento e investimentos nas diferentes regiões do Pará. Na fala dos(as) coparticipantes, a região sul do Pará foi destacada como *uma região esquecida* pelas autoridades do governo, cujas condições históricas apontam um favorecimento ao Norte, pois lá se encontra o centro do poder estadual, a capital Belém. Com a distância e os interesses longe da capital, a marca sociolinguística do sul do Pará torna-se a variante [ɹ], uma variante constituída com e na colonialidade, que representa interesses de um grupo econômico e político de grande influência na localidade: o agronegócio.

Por conta disso, percebemos que, diferentemente do que tem ocorrido nas pesquisas sociolinguísticas em geral, em Redenção, o embate sociolinguístico ocorre entre duas variantes ([ɹ] vs [ʃ]) de diferentes variáveis (<R> vs <S>), relacionando contextos econômicos, políticos e culturais. De certa forma, a expansão dos *novos bandeirantes* continua e encontra-se estabelecida no campo sociolinguístico.

Assim, enquanto a variante [ʃ] caracteriza conflitos internos em torno do território paraense; a variante [ɹ] representa, por um lado, conflitos de ordem externa à região, quando relacionado à origem do corpo que marca o uso da variante (homem, branco, centro-sulista – *novo bandeirante*); e, por outro lado, de aspecto localizado, pois demarca situações de poder e alteridades na constituição de lugares e participação dentro do município.

Além disso, percebemos que a não realização de ambas as variantes é outra forma de enfrentamento sociolinguístico por parte de alguns(mas) redencenses, especialmente vinculados ao contexto migratório na região sul do Pará, que não se vinculam nem ao Pará *legítimo* nem ao Pará *ilegítimo*. Tal situação marca Redenção como uma comunidade de participação complexa, cujo encontro de diferentes grupos populacionais proporcionados pelo processo colonizador da região do Araguaia Paraense, influencia para uma realidade linguística diversa e conflituosa nas relações de alteridades e construções simbólicas existentes.

Conforme Castanheira (2013, p. 104), uma comunidade de participação é entendida como “[...] uma comunidade que se propõe a, por meio de suas práticas cotidianas, estabelecer sentimentos de identificação, de pertencimento, de coletividade”. No trabalho específico, a autora aprofundou os

atos de nomeação dentro de uma ONG, a Guaimbê, para perceber como os indivíduos se inserem e se sentem participantes da comunidade.

No contexto de Redenção, essa noção é um pouco mais complexa, tendo em vista ser, conforme nosso entendimento, um *lugar de encontros e de passagens* de diferentes povos e diferentes cosmologias; um espaço marcado pela colonialidade do poder, do ser e do saber (QUIJANO, 1992; WALSH, 2012), construindo sentimentos e relações de inferioridade e deslocamentos identitários, como resultado de um amplo processo de dominação e exploração do espaço, dos corpos, dos conhecimentos existentes, porém apagados e subalternizados em detrimento de uma narrativa hegemônica ahistoricamente favorecendo o processo colonizador e os *novos bandeirantes*.

Assim, entendemos que a variante [ɹ] é uma variante sociolinguística de valor simbólico social, que envolve todo o processo histórico do município de Redenção, sul do Pará, marcando realidades e lugares de participação dentre desse espaço, bem como favorecendo outras formas linguísticas de enfrentamento à colonialidade ainda presente.

## Referências

AGUILERA, Vanderci de Andrade; SILVA, Hélien Cristina da. Dois momentos do /r/ retroflexo em Lavras - MG: no Atlas Linguístico de Minas Gerais e nos dados do projeto do Atlas Linguístico do Brasil. *Diadorim*: revista de estudos linguísticos e literários, [S.l.], v. 8, fev. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/7962>. Acesso em: 16 Ago. 2018.

ALKMIN, Tânia. Sociolinguística. In: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina (orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 7 ed. São Paulo: Cortez, 2007. P. 21-47. 1 v.

ALMEIDA, Rogério Henrique. *Territorialização do campesinato no sudeste do Pará*. 2006.

Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos – NAEA, Universidade Federal do Pará, Belém, 2006. Disponível em: <http://www.repositorio.ufpa.br/jspui/handle/2011/1979>. Acesso em: 10 dez. 2018.

AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. 1920. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bi000004.pdf>. Acesso em: 31 jul. 2018.

CARREÃO, Victor. A variante rótica retroflexa no português brasileiro: uma caminhada pela linguística histórica. *Sociodialeto*, v. 7, n. 20, p. 84-118, nov./ fev. 2017. Disponível em: <http://sociodialeto.ojs.galoa.com.br/index.php/sociodialeto/article/view/10>. Acesso em: 30 jun. 2019.

CASTANHEIRA, Karla Alves de Araújo França. *Guaimbê: a construção de uma comunidade de participação por meio de práticas de nomeação*. 2013.113 f. Dissertação (Mestrado em Letras e Linguística) - Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tede/3104>. Acesso em: 13 jan. 2019.

CASTRO, Vandersí Sant’Ana. O “r caipira” em Mato Grosso do Sul – estudo baseado em dados do ALMS, Atlas Linguístico do Mato Grosso do Sul. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 42, n. 1, p. 566-575, jan./abril 2013. ISSN 1413-0939. Disponível em: <https://revistas.gel.org.br/estudos-linguisticos/article/view/1129>. Acesso em: 14 ago. 2018.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Índice de desenvolvimento humano*. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/pesquisa/37/30255?tipo=ranking>. Acesso em: 23 dez. 2018.

LABOV, William. *Padrões sociolinguísticos*. Tradução Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008. 392 p.

LEITE, Cândida Mara Britto. *Atitudes linguísticas: a variante retroflexa em foco*. 2004. 149 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/268969>. Acesso em: 14 ago. 2018.

- MIGNOLO, Walter. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. Tradução: Ângela Lopes Norte. *Cadernos de Letras da UFF*, Rio de Janeiro, n. 34, p. 287-324, 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/34/traducao.pdf>. Acesso em: 23 mar. 2018.
- OUSHIRO, Livia; MENDES, Ronald Beline. A pronúncia de (-r) em coda silábica no português paulistano. *Revista do GEL*, v. 8, n. 2, p. 66-95, 2011. Disponível em: [http://projetosp2010.fflch.usp.br/sites/projetosp2010.fflch.usp.br/files/OUSHIRO-MENDES\\_2013-RCoda-SP.pdf](http://projetosp2010.fflch.usp.br/sites/projetosp2010.fflch.usp.br/files/OUSHIRO-MENDES_2013-RCoda-SP.pdf). Acesso em: 14 ago. 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: LANDER, Edgar (org). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: [http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12\\_QUIJANO.pdf](http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624103322/12_QUIJANO.pdf). Acesso em: 15 dez. 2018.
- QUIJANO, Aníbal. Colonialidad y modernidad/ racionalidad. *Perú indígena*, v. 13, n. 29, p. 11-20, 1992. Disponível em: <http://www.lavaca.org/wp-content/uploads/2016/04/quijano.pdf>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- REZENDE, Tânia Ferreira; SILVA, Daniel Marra da. Desobediência linguística: por uma epistemologia liminar que rasure a normatividade da língua portuguesa. *Porto das Letras*, v. 4, n. 1, p. 174-202, 2018. Disponível em: <https://sistemas.uft.edu.br/periodicos/index.php/portodasletras/article/view/5534>. Acesso em: 15 jul. 2019.
- REZENDE, Tânia Ferreira. Falares rurais brasileiros. *Revista UFG*, Goiânia, v. 7, n. 1, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/download/49115/24115>. Acesso em: 07 abr. 2019.
- RONCARATI, Cláudia. Prestígio e preconceito linguísticos. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Preconceito linguístico e cânone literário*, n. 36, p. 45-46, 1. sem. 2008. Disponível em: <http://www.cadernosdeletras.uff.br/joomla/images/stories/edicoes/36/artigo2.pdf>. Acesso em: 03 set. 2019.
- SILVA, Fábio Carlos da. Bandeirantes modernos na Amazônia: a formação sócio-econômica da frente pioneira de Redenção. *Paper do NAEA*, Belém, PA, n. 225, dez. 2008. Disponível em: [http://www.abphe.org.br/arquivos/2003\\_fabio\\_carlos\\_silva\\_bandeirantes-do-seculo-xx-na-amazonia-a-formacao-socio-economica-da-frente-pioneira-de-redencao-no-sul-do-para.pdf](http://www.abphe.org.br/arquivos/2003_fabio_carlos_silva_bandeirantes-do-seculo-xx-na-amazonia-a-formacao-socio-economica-da-frente-pioneira-de-redencao-no-sul-do-para.pdf). Acesso em: 07 abr. 2019.
- SILVA, Fábio Carlos da. A economia pastoril e os primórdios do capitalismo na região do Araguaia paraense (1890-1960). *Novos Cadernos NAEA*, [S.l.], v. 10, n. 1, dez. 2007. Disponível em: <https://periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/68>. Acesso em: 25 set. 2019.
- SILVA, Hélen Cristina da. *Pelas veredas do /R/ retroflexo*. 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Santiago de Compostela, Londrina, PR; Santiago de Compostela, Espanha, 2016. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000207233>. Acesso em: 18 ago. 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. *Fronteira cultural: a alteridade maranhense no sudeste do Pará (1970-2008)*. 2010. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de História, Universidade Federal de Goiás, 2010. Disponível em: <http://repositorio.bc.ufg.br/tede/handle/tde/1217>. Acesso em: 13 set. 2018.
- SILVA, Idelma Santiago da. Fronteiras culturais: alteridades de migrantes nordestinos e sulistas na região de Marabá. *Espaço Plural*, Paraná, v. 7, n. 15, p.21-24, 2 sem. 2006. Disponível em: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/espaco-plural/article/view/1442>. Acesso em: 15 dez. 2018.
- SOUZA, Carlos Henrique Lopes de. A trajetória da força de trabalho no Sudeste paraense: de agricultores migrantes a garimpeiros, de garimpeiros a posseiros, a excluídos, a sem terra. In: *Encontro da Associação Brasileira de Estudos Populacionais*, 13., 2002, Ouro Preto (MG). Anais [...]. Ouro Preto: ABEP, 2002, p. 1-21. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/33/showToc>. Acesso em: 11 dez. 2018.
- VAZ, Vania. *A formação dos latifúndios no sul do Estado do Pará: terra, pecuária e desflorestamento*. 2013. 166 f., Tese (Doutorado em Desenvolvimento Sustentável)-Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em: <https://>

[repositorio.unb.br/handle/10482/14836](https://repositorio.unb.br/handle/10482/14836).  
Acesso em: 14 abr. 2019.

WALSH, Catherine. Interculturalidad crítica/ pedagogía de-colonial. *Revista de Educação Técnica e Tecnológica em Ciências Agrícolas*, [S.l.], v. 3, n. 6, p. 25-42, dez. 2012. ISSN 2236-3483. Dis-

ponível em: <http://www.ufrj.br/SEER/index.php?journal=retta&page=article&op=view&path%5B%5D=1071>. Acesso em: 16 dez. 2018.

*Recebido em: 05/04/2021*  
*Aprovado em: 06/06/2021*



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.